

FRENTE A CRISE ECOLÓGICA, O DESAFIO DO NÃO-PODER

Frédéric ROGNON

Como citar: ROGNON, Frédéric. Frente a crise ecológica, o desafio do não-poder. In: BARRIENTOS-PARRA, Jorge; PUTTINI, Rodolfo Franco; SANTOS, Fernando Pasquini; BORGES, Luiz Adriano (org.). **Impactos e Desafios da Digitalização do Mundo do Trabalho**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p.53-70. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-656-5.p53-70>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

FRENTE A CRISE ECOLÓGICA, O DESAFIO DO NÃO-PODER

FACED WITH THE ECOLOGICAL CRISIS, THE CHALLENGE OF NON- POWER

Frédéric ROGNON¹

¹ Professor de Filosofia na Faculdade de Teologia Protestante da Universidade de Estrasburgo. Autor entre outros dos seguintes livros: *La religion* (Hatier, 1996); *Jacques Ellul. Une pensée en dialogue* (Labor et Fides, 2007); *Générations Ellul* (Labor et Fides, 2012); *Jacques Ellul aujourd’hui* (Labor et Fides 2022).

Este artigo foi traduzido pelo Prof. Dr. Jorge Barrientos-Parra do original em francês intitulado “Face à la crise écologique, le défi de la non-puissance.

<https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-656-5.p53>

Resumo: Frente a crise ecológica e especialmente frente as mudanças climáticas, diferentes estratégias têm sido propostas e implementadas pelos Estados, governos, ONGs e associações de cidadãos. A grande maioria dessas sugestões e programas se baseiam na inovação tecnológica e em uma aceleração do progresso técnico. Assim a digitalização do mundo do trabalho, parece, aos olhos de muitos, uma ferramenta para reduzir os impactos das atividades antrópicas sobre a biosfera, uma vez que ela limitaria os deslocamentos e a poluição que estes causam. Em muitos discursos oficiais, a prioridade para a solução dos problemas acarretados pelo aquecimento global, para os desequilíbrios meio ambientais e também para a crise sanitária é um aumento da utilização das tecnologias digitais. O jurista, sociólogo e teólogo francês Jacques Ellul, um dos precursores da ecologia política propõe um caminho radicalmente oposto a essa opção majoritária. Ele mostrou que o recurso à tecnologia para enfrentar os desafios da crise ecológica equivale a reforçar as causas desta crise: confiamos cegamente aos vetores dos desastres a solução dos problemas que eles próprios provocaram. Neste artigo pretendo mostrar a caminhada de Jacques Ellul, bem como as soluções que ele preconiza. Veremos que este pensador chegou à ecologia por acaso, sobretudo por amizade, em virtude disso ele aborda as questões ambientais de forma oblíqua, pelo viés das problemáticas oriundas à técnica e em nome da sua fé cristã, para finalmente as reconfigurar por meio de uma tripla dialética teológica, a saber: o engajamento autêntico, o não-poder e a esperança. Abordaremos sucessivamente essas diversas etapas de seu percurso intelectual e espiritual.

Palavras-chave: Jacques Ellul. crise ecológica. não-poder. crítica da sociedade técnica. esperança.

1. ECOLOGISTA POR AMIZADE

Jacques Ellul (1912-1994) é reconhecido como um dos maiores precursores da ecologia política. Desde 1935, à idade de vinte e três anos nas *Directives pour un manifeste personnaliste* que ele assinou com Bernard Charbonneau conclama à edificação de “uma cidade ascética” (Charbonneau; Ellul, 2003, p.79).

O problema da revolução se coloca não somente sobre o plano político ou econômico, mas no âmbito da civilização. No plano dos costumes, dos hábitos, das formas de pensar, no plano da vida corrente de cada um de nós, no seu almoço e no seu jornal. A revolução deve ser feita por homens, para homens e o que tem de melhor neles. (Idem, Ibidem).

A revolução deve ser feita contra a miséria e contra a riqueza – para que cada homem encontre numa cidade voluntária o que ele precisa para viver. Mesmo que seja um mínimo de vida para todos, mas que esse mínimo seja equilibrado entre o material e o espiritual. O homem está imbuído de um desejo exaltado de prazer material e alguns de não ter este prazer (Idem, ibidem).

Essas poucas frases contêm em germe as linhas de força de um pensamento que vai eclodir depois da Segunda Guerra Mundial: o caráter global de uma revolução autêntica e necessária, a busca de um equilíbrio entre a superabundância e a miséria, a harmonização entre o desenvolvimento da vida espiritual e o engajamento no mundo material. Numa frase a denúncia da húbris².

Entretanto, de acordo com o próprio Ellul, a orientação ecológica dessas resoluções não teria tomado corpo sem o encontro com o co-autor das *Directives*, a saber, Bernard Charbonneau (1910-1996). Desde os bancos do liceu até a sua morte foi uma fiel amizade de sessenta e cinco anos que foi o vetor de uma mútua influência intelectual (Rognon, 2020, p. 20). Ora, Bernard Charbonneau já tinha uma profunda sensibilidade eco-

² Na Grécia antiga tudo o que na conduta do homem era considerado como desmedido e que acarretava a vingança dos deuses. Na mitologia grega então era todo comportamento inspirado pela arrogância, pela empáfia e pela insolência.

lógica, desde a sua experiência no escotismo protestante a começo dos anos 1920. Ele relata esse aprendizado num longo artigo publicado em 1937, intitulado: “O sentimento da natureza, força revolucionária”.

Testemunha das profundas mudanças que afetam a França no século XX, Charbonneau vai unir estreita e paradoxalmente a sua atenção à natureza e à liberdade. Ellul reconhece a sua imensa dívida para com seu amigo:

Charbonneau me ensinou a pensar e a ser um homem livre. Entre a educação de meu pai e o ensino do liceu, eu estava sobre os trilhos. Ele me faz sair do reto caminho que seguem os bons alunos e me forneceu um método de pensamento crítico. Além disso, ele me levou a descobrir a natureza, eu que era puramente urbano”. (Ellul, Chastenet, 1994, p. 126).

A diferença entre Ellul e Charbonneau se encontra nas suas respectivas trajetórias espirituais, que constitui uma sorte de antítese: o primeiro cresceu numa família afastada de toda prática religiosa, e se converteu repentinamente aos dezesseis anos, já o segundo cresce num meio cristão, porém na idade adulta se considera um agnóstico, ainda que tenha uma rica cultura bíblica e teológica. Jacques Ellul trabalhou como teólogo, orientando a sua busca espiritual em direção à responsabilidade dos cristãos com a Criação, em razão da influência do seu amigo Charbonneau. Este diálogo franco, conduzido ao longo de várias décadas, tem estado regularmente vinculado à devastação causada ao meio ambiente e à liberdade nos países de tradição judaico-cristã. Tudo isto levou Jacques Ellul a refinar a defesa da sua fé e a esperança em Jesus Cristo, e ao mesmo tempo radicalizando a sua crítica da subversão do cristianismo pelas diferentes igrejas no decurso dos séculos. (Ellul, 2011, p. 145).

Afinal de contas, os dois amigos se reencontram em uma análise de tipo dialético (Charbonneau, 2019):

Como o antigo ‘pharmakôn’, a revelação bíblica é a seus olhos fundamentalmente ambivalente, constituindo tanto o veneno quanto o antídoto para o tratamento da Criação. Profanando o mundo a tradição judeo-cristã abriu o caminho para a sua exploração frenética, mas ao mesmo tempo ela representa a melhor

barreira contra este desvio, outorgando-lhe ao homem o status de mordomo de Deus na terra, encarregado de vigiar e administrar o planeta com o mesmo cuidado que Deus teve quando o criou.

Ellul acrescenta que a revelação bíblica é uma mensagem dialética, que sempre associa a liberdade, a responsabilidade e o amor, e é por haver quebrado a dialética, retendo somente o polo da liberdade, transformada em desenfreada, e se afastando da responsabilidade e do amor, os cristãos (começando pelos protestantes) empreenderam uma vasta pilha- gem e espoliação do planeta. O antídoto do qual eles se beneficiam consiste na possibilidade de renovar a dialética, retornando a uma maior fidelidade ao ensino das Escrituras Sagradas (Ellul, 1983, p. 16, 17). Essa é a contribuição ao debate da parte do professor de Bordeaux aberto pela célebre conferencia de Lynn White Jr em 1966 (White Jr., 1967).

Jacques Ellul e Bernard Charbonneau, no final dos anos 1930, vão proceder, a uma divisão do trabalho: o primeiro estudará e publicará textos sobre a sociedade técnica³ e sobre a ética cristã em relação a esta sociedade⁴, já o segundo se dedicará a pensar o Estado⁵ e a ecologia⁶. Em razão disso,

³ Ver especialmente:

ELLUL, Jacques. **A técnica e o desafio do Século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968;
ELLUL, Jacques. **Le système technicien**. Paris: Le Cherche midi, 2004;
ELLUL, Jacques. **Le bluff technologique**. Paris: Hachette, 1988.

⁴ Ver entre outros:

ELLUL, Jacques. **Le vouloir et le faire**: une critique théologique de la morale. Genève: Labor et Fides, 2013;
ELLUL, Jacques. **Éthique de la liberté**. Genebra: Labor et Fides, 2019;
ELLUL, Jacques. **Les combats de la liberté**. Genève: Labor et Fides, 2020;
ELLUL, Jacques. **Les source de l'éthique chrétienne**: le vouloir et le faire, parties IV e V. Introduction et notes de Frédéric Rognon. Genève: Labor et Fides, 2018.

⁵ CHARBONNEAU, Bernard. **L'État**. Paris: R&N Éditions, 2020.

⁶ CHARBONNEAU, Bernard. **Le jardin de Babylone**. Paris: Éditions de l'Encyclopédie des nuisances, 2002;
CHARBONNEAU, Bernard. **Le système et le chaos**: critique du développement exponentiel. Paris : Sang de la terre, 2012a. (Collection la pensée écologique);

CHARBONNEAU, Bernard. **Tristes campagnes**. Vierzon: Le Pas de côté, 2013;
BARDET, Maurice. **La fin du paysage**. Préfaces de Bernard Charbonneau. Paris: Anthropos, 1973;
CHARBONNEAU, Bernard. **Notre table rase**: essai. Paris: Denoël, 1974;
CHARBONNEAU, Bernard. **Le feu vert**: autocritique du mouvement écologique. Lyon: Paragon/Vs, 2009. (Collection l'après-développement);
CHARBONNEAU, Bernard. **Une seconde nature**. Paris: Sang de la terre, 2012b. (Collection la pensée écologique);
CHARBONNEAU, Bernard. **Sauver nos régions**: écologie, régionalisme et sociétés locales. Paris: Sang de la terre, 1991. (Collection la pensée écologique);

Ellul não escreveu nenhum livro sobre ecologia. Contudo escreveu pelo menos um longo artigo sobre a questão ecológica publicado na revista *Foi et Vie* que ele dirigiu de 1969 a 1986⁷ e em textos críticos sobre a técnica e sobre a ética. A arquitetura global da sua obra responde a uma compreensão dialética consistente em dois eixos disciplinares que se complementam: o lado sociológico e o ético teológico. Resultado do

seu encontro com Bernard Charbonneau, a obra ecológica e a teologia verde de Jacques Ellul deita raízes em uma crítica aprofundada do fenômeno técnico e da sociedade que ele determina.

2. CRÍTICA DA SOCIEDADE TÉCNICA

A análise crítica da técnica que serve de pano de fundo à teologia ecológica de Jacques Ellul nos coloca imediatamente um problema de definição. “A técnica” – *la technique* - não deve ser confundida com “as técnicas”, a saber as ferramentas que o homem, em todo tempo, fabricou para se emancipar no que diz respeito ao meio natural. *La technique* engloba as técnicas e as compreende no plano axiológico e metafísico. Podemos aqui fazer um paralelo com a famosa fórmula de Martin Heidegger, enunciada em 1954, o mesmo ano da publicação da primeira edição da obra clássica de Ellul “*La Technique ou l'enjeu du siècle*”, sem haver nenhum contato entre o filósofo de Freiburg-im-Breisgau e o jurista e sociólogo de Bordeaux: “A essência da técnica não é de modo algum algo técnico”⁸.

CHARBONNEAU, Bernard. **Un festin pour Tantale**: nourriture et société industrielle. Paris: Sang de la terre, 2011. (Collection la pensée écologique);

CHARBONNEAU, Bernard. **Finis terrae**. La Bache: A plus d'un titre, 2010. (Collection la ligne d'horizon);

CHARBONNEAU, Bernard. **Vers la banlieue totale**. Paris: Eterotopie France/Rhizome, 2018 ;

CHARBONNEAU, Bernard. **Le totalitarisme industriel**. Paris : L'Échappée, 2019. (Collection le pas de côté)

⁷ ELLUL, Jacques. Le rapport de l'homme à la création selon la Bible. **Foi et Vie**, v. 73, n. 5-6, p. 137-155, 1974.

⁸ Ver o artigo “A questão da técnica”, traduzido do original em alemão por Marco Aurélio Werle (Heidegger, 2007).

Jacques Ellul define a técnica nestes termos: ela é “a preocupação da imensa maioria dos homens de nosso tempo em procurar em todas as coisas o método absolutamente mais eficaz” (Ellul, 1968, p. 21). A técnica é, portanto, antes de tudo, uma mentalidade, um posicionamento na existência, que se expressa na absolutização da eficácia, valor supremo e exclusivo. A eficácia transformou-se numa divindade ciumenta. A mentalidade *technicienne*, que se impõe em nossa sociedade técnica é o monoteísmo da eficácia.

Entre as características da técnica, há uma que se apresenta imediatamente à análise de Jacques Ellul, ainda que, paradoxalmente, seja a menos perceptível: a técnica tornou-se um meio, o novo meio do homem. Até então o homem vivia num ambiente natural com o apoio de diversas técnicas; hoje a natureza não para de recuar, ao ponto de desaparecer em várias regiões do mundo, e o homem passou a viver num meio técnico, do nascimento à morte, e da mesma forma que um peixe vivendo num vaso-aquário não vê a redução do seu meio, nós não nos damos conta da mudança operada em nosso meio ambiente.

Uma outra característica da técnica é a sua universalidade. O planeta inteiro se submete ao mesmo modelo técnico, todos os países sejam quais forem seus regimes políticos, ideológicos ou econômicos. Além disso, a lógica técnica invade também as esferas da vida privada, do trabalho e do lazer, da procriação à morte, da criação artística à vida espiritual, da linguagem ao imaginário. A técnica remodela todas as dimensões da nossa existência, sem se deixar influenciar por elas.

Por outro lado, Ellul também se opõe à tese da neutralidade da técnica. De acordo com essa posição muito difundida, o objeto técnico seria apenas um material à nossa disposição, e o ser humano poderia, segundo sua consciência moral livre, optar por fazer dele um uso virtuoso ou, ao contrário, um uso deletério. Ele contesta esta visão otimista, que deixa ver uma confiança desmesurada nas capacidades do homem, junta-se aqui, de novo, à opinião de Heidegger:

Mas de modo mais triste estamos entregues à técnica quando a consideramos como algo neutro; pois essa representação, à qual

hoje em dia especialmente se adora prestar homenagem, nos torna completamente cegos perante a essência da técnica (Heidegger, 2007, p. 9).

De acordo com Jacques Ellul, a técnica não é em si mesma, nem boa, nem má, nem neutra. Ela é ambivalente: isso significa que a mesma técnica (seja a nuclear, a informática ou a médica) produzirá necessariamente e indissociavelmente efeitos positivos [construtivos], e efeitos devastadores, e que portanto, não podemos beneficiar dos primeiros, sem sofrer os segundos.

A última característica da técnica exposta por Jacques Ellul, sem dúvida a mais escandalosa e chocante naquela época, e ainda hoje, é a autonomia. “Não são mais as necessidades externas que determinam a técnica, são suas necessidades internas. Tornou-se uma realidade em si, que se basta a si mesma, com suas leis particulares e suas determinações próprias.” (Ellul, 1968, p. 135).

A técnica é autônoma em relação à economia, a política, às finanças e aos valores morais e espirituais. Ela modifica todas essas coisas sem se deixar modificar em nada por elas. A técnica é, portanto, um poder dotado de força própria e não uma matéria neutra que poderíamos utilizar para o bem ou para o mal. Ela se situa fora da categoria ética do bem e do mal. Possui uma finalidade intrínseca ao meio, que sempre prevalece sobre o fim extrínseco proposto pelo homem.

Em razão das diversas características apontadas e analisadas por Ellul, ele declara que não existe comparação entre as técnicas de hoje e as técnicas antigas, “não há nenhuma medida comum entre a técnica atual e a anterior; quase não se trata do mesmo fenômeno” (Ellul, 1968, p. 148).

A técnica não é mais um meio para reduzir a necessidade da natureza, mas a instauração de uma nova necessidade muito mais impositiva na medida em que a natureza se desvanece e desaparece. Segundo esta análise, é, portanto, inútil pretender, a exemplo dos discursos oficiais e midiáticos em torno do ‘desenvolvimento sustentável’ e do «crescimento verde», a superação da crise ecológica por meio do aumento da inovação tecnológica. Com efeito, se a técnica não é

neutra, mas destrói a qualidade de vida tanto quanto a eleva, que confiança podemos ter nela para combater e restaurar os estragos que ela própria provoca? (Rognon, 2017, p. 97).

O ceticismo de Jacques Ellul se dirige primeiramente à lei de Larsen. Do nome do físico danês Søren Larsen (1871-1957). Esta lei, melhor conhecida pela sua tradução empírica de 'efeito Larsen' está assim formulada: 'os problemas colocados pela técnica serão resolvidos por soluções técnicas'. Porque essas soluções, sendo necessariamente ambivalentes por serem técnicas, por sua vez acarretarão novos problemas, e assim por diante (Ellul, 1968, p. 95; Ellul, 2004, p. 230, 232).

A crítica elluliana da sociedade técnica deixa ao leitor um gosto amargo e produz nele um efeito angustiante. O ser humano não controla mais o produto das suas mãos, a sua aventura parece estar em um impasse, o que só pode levar ao caos generalizado. O lado teológico da obra de Ellul surge, portanto, como contraponto a esse diagnóstico sem concessões, para traçar um caminho ético possível e testemunhar uma esperança.

3. UMA ÉTICA CRISTÃ MARCADA PELO SELO DA PROFANAÇÃO DOS NOVOS ÍDOLOS

A teologia de Jacques Ellul está estreitamente articulada à sua análise crítica da sociedade técnica. Não se trata de uma teologia desencarnada, mas que considera mutações e que leva em conta as mudanças sem precedentes das nossas condições de vida nestas últimas décadas, e oferece uma tentativa de resposta cristã aos desafios que temos pela frente.

O ponto de encontro decisivo entre a sociologia e a teologia de Jacques Ellul se situa na constatação da sacralização da técnica. Exacerbando o valor da eficácia de forma deliberada, em detrimento de qualquer outro valor, a técnica realmente produziu a sua própria idolatria. O paradoxo relativo ao processo de sacralização da tecnologia decorre do fato, realçado pelo nosso autor, de ser ela o vector da dessacralização do mundo, a saber a própria tecnologia, que se verá ela mesma investida de sacralidade: o sagrado tradicionalmente alojado na natureza vem se ligar de volta ao

rolo compressor que a pulverizou (Ellul, 2003, p. 93-112). Ora de acordo com Jacques Ellul, a sacralização de um poder como a tecnologia revela-se fundamentalmente alienante. Ele o diz claramente nestes termos: “Não é a técnica que nos escraviza, mas o sagrado transferido para a técnica” (Ellul, 2003, p. 316).

Nesta nova sacralidade, há uma lei de ferro que se impõe como um mandamento intocável: a lei de Gabor. Do nome do físico húngaro Dennis Gabor (1900-1979), esta lei se enuncia assim: “Tudo o que pode ser tecnicamente realizado o será necessariamente” (Ellul, 1968, p. 103; Ellul, 2004, p. 241). A lei de Gabor rege toda a orientação da sociedade técnica. É, portanto, para Jacques Ellul necessário, profanar esse sagrado da técnica, esse positivismo da lei de Gabor, opondo-se a ele. Assim, categoricamente, ele afirma: “Não pode haver crescimento infinito em um mundo finito” (Ellul, 1981, p. 127-128; Ellul, 1988, p. 412). Tudo que é possível fazer, não deve ser feito necessariamente. É a capacidade de auto- limitação que qualifica a dignidade humana. Encontramos um exemplo na proibição de não matar, que consiste em não fazer o que seria possível fazer.

Entendemos, portanto, por que os “objetores do crescimento econômico” do século XXI o reconhecem como um dos mais eminentes de seus precursores⁹. Em aguda e polémica tensão com o conceito de “desenvolvimento sustentável”, os partidários do “decrecimento” insistem na necessidade de uma autolimitação pensada e assumida, ao invés de sofrermos a inevitável catástrofe da humanidade, quando esgotemos os recursos do planeta e este não tenha mais a capacidade de absorção do lixo que produzimos. Em 1983 Jacques Ellul já alertava, com uma apropriada metáfora esta distinção decisiva entre decrecimento e recessão:

Imagine um carro em que o passageiro adverte o motorista que ele está correndo muito, que é necessário diminuir a velocidade e pela mesma razão, talvez, parar um pouco. Entretanto, o

⁹ Sobre objetores do crescimento econômico, ver entre outros:

LATOUCHE, Serge. **Jacques Ellul contre le totalitarisme technicien**. Neuvy-en-Champagne: Éditions Le Passager clandestin, 2013. (Collection les précurseurs de la décroissance);

CHASTENET, Patrick. Jacques Ellul. In: BIAGINI, Cédric; MURRAY, David; THIESSET, Pierre (ed.). **Aux origines de la décroissance**: Cinquante penseurs. Paris: L'Échapée, 2017.

motorista, inebriado pela velocidade, não escuta a advertência e continua correndo como louco, até que acaba batendo num muro de contenção. O carro acabou parando, porém não nas condições almejadas (Ellul, 2007, p. 169).

Se não podemos conceber um crescimento infinito em um mundo finito, é pela sabedoria de um reexame de nossas necessidades que podemos iniciar a transição para uma sociedade de sobriedade, em vez de contar com a salvação pela inovação tecnológica, que, como vimos, na tentativa de solucionar um problema, acarreta outros.

A referência à obra de Jacques Ellul, por parte dos defensores do ideal do decrescimento, geralmente é realizada ao preço da sua secularização, isto é, não considerando a sua força dialética. Em outras palavras, para compreender a lógica interna do pensamento elluliano devemos considerar o pano de fundo teológico da crítica eluliana ao mito do crescimento infinito. Com efeito, a orientação Barthiana da teologia de Jacques Ellul, mais precisamente sobre a inspiração do primeiro Barth, isto é, o Karl Barth kierkegaardiano do comentário sobre a Epístola aos Romanos (1922), se desenha com força nesta resolução de profanar os novos ídolos e de transgredir as leis impias que nos escravizam. Dessa forma a profanação de ídolos e a transgressão da lei de Gabor constituem a chave hermenêutica decisiva da teologia ecológica de Jacques Ellul, que se abre sobre o horizonte de uma dialética tripla.

4. UMA DIALÉTICA TRIPLA: O ENGAJAMENTO DESENGAJADO, O NÃO PODER E A ESPERANÇA

A teologia ecológica de Jacques Ellul articula três dialéticas conceituais e pragmáticas. A primeira é a questão do engajamento ao serviço da salvaguarda do planeta. A pergunta aqui é: que tipo de engajamento assumir no âmbito de uma ética cristã?

De acordo com Jacques Ellul que desenvolve esta tese na sua obra *Ethique da la liberté* (2019) o engajamento autêntico é um “*déagement*”

ou um “engajamento desengajado” (Ellul, 1963, p. 67-80). O “*déagement*” não tem nada a ver com desengajamento. Temos aqui uma dialética com três polos: o engajamento, o desengajamento e o “*déagement*” ou engajamento desengajado. O simples engajamento consiste em escolher e seguir um caminho tendo em vista um objetivo. O desengajamento consiste em não fazer nada. O engajamento autêntico (desengajado) consiste em se engajar após ter sido liberado por Cristo. Isto com o fim de evitar o ativismo, o engajamento frenético sem discernimento. A procura da eficácia (fundamentalmente técnica) a qualquer preço, cegados como somos pela ilusão de que nós mesmos podemos salvar o planeta. Este “*déagement*” está ligado à liberdade que o cristão pode descobrir em Cristo. Uma vez que, de acordo com Ellul, a liberdade em Cristo é a única verdadeira liberdade. Esta exclusividade se deve a vários fatores: em primeiro lugar, não se trata de um determinado estado de liberdade, mas de um processo de libertação de um estado de alienação (Ellul, 2019. p. 31); depois, diferentemente de todas as outras liberdades (políticas, econômicas, sociais e morais) a liberdade em Cristo não é uma liberdade em relação à um objeto externo a si mesmo (uma ditadura, regulações estatais, a ordem moral de nossos avós...), mas uma libertação e um distanciamento em relação a si mesmo, e em particular em relação à influência da mentalidade técnica sobre o nosso imaginário (Ellul, 2019, p. 211). Por último, esta liberdade em Cristo é real porque está ancorada em um Deus transcendente ao sistema técnico, enquanto o homem está afundado nele.

Deus, é ao mesmo tempo exterior ao mundo, pois ele o criou, e encarnado em Jesus Cristo, é nisso que nos permite tomar distância em relação ao sistema técnico que é nosso ambiente de vida e, finalmente, em relação a nos mesmos. A liberdade em Jesus Cristo consiste em considerar as nossas obras (políticas, econômicas, técnicas...) como inúteis, provisórias e relativas (Ellul, 2019, p. 473). Entretanto, não se trata, de afastar-se do mundo, mas de viver plenamente nele, sem idolatrá-lo e, sobretudo, sem idolatrar as nossas obras. Mais precisamente, trata-se de transgredir, de profanar a nova sacralidade do homem (política sagrada, finanças sagradas e, claro, técnica sagrada...), para viver com a política, as finanças, e a técnica colocando-as cada um em seu lugar: fora do trono (desentronizadas).

Na verdade, elas não são dignas da nossa adoração, nem de nosso amor. O engajamento dos cristãos é, portanto, perfeitamente possível e efetivo, com a condição de ter primeiramente vivenciado a experiência de ser livre em Jesus Cristo (*degagé*): o engajamento e a liberdade em Cristo (*dégagement*) só tem legitimidade numa relação dialética. E temos que nos engajar precisamente onde a sociedade não quer que estejamos como cristãos, e nos desengajar onde ela quer que estejamos para servir de caução. Dessa forma, a igreja não deve estar onde se espera que esteja, mas deve estar onde não se espera que esteja (Ellul, 2019, p. 567). Este princípio paradoxal de anticonformismo exige que os cristãos se desprendam de todas as tendências que estão na moda na ecologia oficial e institucional.

A segunda dialética à qual desemboca logicamente a primeira, é a do não-poder (*non-puissance*). Esta é também uma dialética com três polos: o poder (*power*), a impotência (*powerlessness*) e o não-poder (*non-power*). O poder é a capacidade de fazer algo, a impotência é a incapacidade de fazê-lo. O não-poder (*non-power*) é a capacidade de fazê-lo mas, se escolhe não fazê-lo. Em outras palavras, o não-poder significa não fazer tudo que se é capaz de fazer, pela única razão de que se possui a capacidade de fazê-lo. Assim sendo, não tem nada a ver com a impotência (*powerlessness*) que é na realidade o quinhão dos cidadãos de uma sociedade técnica, mas, uma renúncia voluntariamente assumida. Nesse sentido o não-poder é uma transgressão e uma profanação da Lei de Gábor. A ética do *non-power* é uma ética da autolimitação e da sobriedade, que flui na contracorrente dominante da sociedade técnica.

O não-poder (*non-puissance*) encontra lugar no coração da mensagem bíblica definindo a ética dos discípulos do Mestre da Galileia. De fato Jesus Cristo, sendo o próprio Deus todo poderoso, não utilizou as capacidades infinitas da sua onipotência, mas ao contrário, fez a escolha da fraqueza e da vulnerabilidade. É isso que expressa o hino de Paulo na carta aos Filipenses¹⁰ e as passagens do batismo¹¹, das tentações de Jesus¹² e também os relatos que mostram que Jesus não realizou todos os sinais e mila-

¹⁰ Ver Filipenses 2: 6-11.

¹¹ Ver Mateus 3: 13-17; Marcos 1: 9-11; Lucas 3: 21-22; João 1: 19-34.

¹² Ver Mateus 4: 1-11; Lucas 4: 1-13.

gres que o povo lhe pedia¹³. Em resumo, quando o sinal requerido estava desconectado da fé e do amor, Jesus não realizou o que poderia ter feito.

Ele realizou sinais e milagres somente em virtude do amor e não se deixou levar pelas exigências da vaidade para manifestar seu poder de maneira espetacular.

Vejamos um exemplo, certa feita alguns escribas e fariseus disseram para Jesus: “Mestre, queremos ver um sinal miraculoso feito por ti”. Jesus lhes respondeu: “Uma geração perversa e adúltera pede um sinal miraculoso! Mas nenhum sinal lhe será dado exceto o sinal do profeta Jonas”¹⁴. Dessa forma ele os reenvia ao único milagre do profeta Jonas, que de acordo com o livro homônimo do Antigo Testamento, passou três dias e três noites nas entranhas de um grande peixe, antes de ser devolvido à terra e finalmente ir pregar na cidade de Nínive para que esta se convertesse de seu mau caminho. Os interlocutores de Jesus não obtiveram nenhuma prova tangível da sua superioridade sobre Jonas, porque Jesus não realizou o milagre desejado pelos escribas e fariseus. Simplesmente, por analogia com os três dias e três noites de Jonas imerso, Jesus anuncia o tempo que ele passará enterrado e a sua saída do túmulo, ressurreto e vencedor da morte. O milagre é mais espetacular e significativo, eis aqui a superioridade. Mas, não o veremos, é uma questão de fé e de vida, não uma manifestação de poder (de espectacularização).

Em resumo Jesus não realizou tudo o que poderia ter feito, sobretudo quando o poder solicitado não estava relacionado ao amor, mas exigido para manifestar ostentosamente seu poder.

Jesus poderia expulsar os romanos da Palestina, escapar da sua arrestação, chamar uma legião de anjos para o seu resgate, deixar que Pedro o defendesse pela utilização da violência (espada)¹⁵, evitar o sofrimento e a morte, ser dispensado de beber o cálice da dor¹⁶, descer da cruz quando blasfemavam contra ele¹⁷... Dessa forma, se o próprio Jesus durante o seu

¹³ Mateus 12: 38-45.

¹⁴ Mateus 12: 39 (texto da Nova Versão Internacional).

¹⁵ Ver Mateus 26: 53; João 18:11.

¹⁶ Ver Mateus 26: 39; Marcos 14: 36; Lucas 22: 42.

¹⁷ Ver Mateus 27: 39-44; Marcos: 15: 29-32; Lucas 23: 35-37.

ministério terreno, não realizou tudo o que ele podia fazer, auto-limitando-se no seu poder, os cristãos são convidados a seguir o seu exemplo nesse caminho ético e consequentemente a não fazer tudo o que eles podem fazer, simplesmente porque o podem. A *non-puissance* é a atitude ecológica cristã por excelência, porque ela é escolhida por fidelidade a Cristo (Rognon, 2020, p. 265-274). Nesse mesmo diapasão Jacques Ellul, afirma enfaticamente que “nestes dias, somente o exercício do não-poder (*non-puissance*), pode ter uma chance de salvar o mundo.” (Ellul, 1987, p. 201).

Na sociedade contemporânea, tão marcada pela onipresença da técnica e da imagem graças ao poderio tecnológico, podemos fazer muitas coisas que Jesus Cristo realizou como milagres. Curar doentes, modificar o clima, realizar uma super pescaria, alimentar muita gente, hoje, nada disso é miraculoso, é a atividade normal da técnica. Fala-se em milagres da técnica, porém é uma linguagem metafórica. Nesse contexto os transhumanistas prometem a vitória sobre a morte daqui a vinte e cinco ou trinta anos. Somos então a última geração que vai conhecer a morte! Organizações públicas como a NASA e o Pentágono e privadas como Meta, Google, Microsoft e Samsung levam a serio essa promessas e investem pesadamente em pesquisas transhumanistas. A inteligência artificial, o *cyborg*, neuro-tecnologias de aumento da resistência e da capacidade visual, auditiva, de aprimoramento do cérebro, etc.; e ainda as tecnologias aplicadas ao ser humano para ser mais eficiente na guerra. Fala-se do soldado infatigável, capaz de ver a um quilômetro como a 30 centímetros.

Além de tudo isso temos a clonagem reprodutiva através da qual se pretende criar o ser humano com a capacidade de resistência a qualquer doença e finalmente o homem imortal. Este é o futuro que os transhumanistas asseguram que estamos a ponto de alcançar. Quanto a isso, Ellul lembra que Jesus Cristo não realizou tudo o que ele tinha condições de realizar.

Este surto tecnológico responde à Lei de Gabor que rege a nossa sociedade e à qual fizemos referência acima¹⁸: “Tudo o que é tecnicamente possível será realizado”¹⁹ sem importar os custos e os efeitos fazemos

¹⁸ Item 3, página 7.

¹⁹ “Tout ce qu'il est possible de faire doit être fait” (Ellul, 2004, p. 241). “Tudo que é possível fazer com a

tudo o que a técnica nos permite fazer, e somente por esta razão. A nossa sociedade perdeu o sentido das finalidades. Vivemos numa sociedade de meios, eles primam e tomaram o lugar dos fins. Neste ponto Ellul valoriza a leitura do Evangelho porque Jesus Cristo não fez tudo o que ele podia fazer, não utilizou a sua onipotência sem discernimento, mobilizou o seu poder somente em virtude do amor. Assim, pois, convida os discípulos de Cristo a transgredir e a profanar a Lei de Gábor, isto é: a não fazer tudo o que podemos pela simples razão que podemos.

É aqui que a crise ecológica deita raízes porque não se pode pensar que a crise ecológica vai ser superada por um aumento da tecnologia, por soluções técnicas aos problemas acarretados pela técnica. Como é sabido, essas soluções, por sua vez, trarão novos problemas. Aos olhos do pensador gaulês trata-se de um engano (*bluff*), ele então convida seus leitores a seguirem as pegadas de Jesus Cristo na ética do não-poder (*non-puissance*).

Por último, a terceira dialética concerne a esperança²⁰ que também têm três polos: a espera (*l'espoir*), o desespero e a esperança. *L'espoir* é a espera humana com expectativa positiva, a perspectiva de uma melhoria da situação geral do ponto de vista humano. O desespero é a ausência total de *espoir*, o pessimismo absoluto. No entanto, a esperança também surge quando não há mais *espoir*, quando o futuro se apresenta totalmente bloqueado, que é a nossa situação atual. Podemos dizer que Jacques Ellul foi um pessimista cheio de esperança. A esperança repousa sobre as promessas de Deus: “E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”, disse Jesus no final do Evangelho de Mateus²¹. Na sua epístola aos Romanos²² o apóstolo Paulo acrescenta: “Estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades nem alguma outra criatura, nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”. Assim não estamos sozinhos Deus nos acompanha em toda a nossa história, através das catástrofes que nos mesmos provocamos. Não se trata de esperar passivamente a intervenção divina, mas de nos apoiar pela

técnica, é preciso, segundo toda evidência, fazer” (Ellul, 1985, p. 228).

²⁰ ELLUL, Jacques. *L'espérance oubliée*, Paris : La Table Ronde, 2004.

²¹ Mateus 28: 20 (Nova Versão Internacional)

²² Romanos 8: 38-39 (versão Almeida Corrigida Fiel)

fé na sua presença, para nos engajar plenamente no mundo, em virtude das condições de um engajamento autêntico (desengajado) percorrendo o caminho da *non-puissance*.

Dessa forma as três dialéticas entram elas próprias em dialética: o engajamento autêntico, a ética do não-poder e o pessimismo cheio de esperança. Estes são desde a perspectiva de Jacques Ellul, os três polos da vida cristã, que alcançam uma singular importância tendo em vista o agravamento da crise ecológica e o desenfrenado surto tecnológico que a provocou e que ela reforça.

Longe de oferecer uma solução a esta crise, a digitalização generalizada torna o problema irreversível. Uma vez que implica também a mineração para a extração de metais raros (fundamentais para a fabricação de chips e toda a parafernália de instrumentos digitais), a poluição ambiental que esta atividade acarreta; os danos para a saúde física e mental pelas adições que a digitalização provoca. Estas conclusões nos levam a sublinhar a pertinência e a urgência da dialética elluliana.

REFERÊNCIAS

- BARTH, K. **L'Épitre aux romains (Der Römerbrief, 1922)**. Tradução do alemão Pierre Jundt. Genebra: Labor et Fides, 2016.
- CHARBONNEAU, B.; ELLUL, J. **Directives pour un manifeste personnaliste**. In: Cahiers Jacques Ellul. Pour une critique de la société technicienne, 1, 2003, p. 63-79.
- CHARBONNEAU, B. **Le totalitarisme industriel**. Paris: L'Échappée, 2019. (Collection Le Pas de Côté).
- CHARBONNEAU, B. Unis par une pensée commune. **Foi & Vie**, v. 93, n. 5-6, p. 19-28, 1994. Número especial: Le siècle de Jacques Ellul: Hommage de Foi & Vie à la mémoire de son Directeur.
- ELLUL, J. **A técnica e o desafio do século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- ELLUL, J. **Le Système technicien**. Paris: Le Cherche Midi, 2004.
- ELLUL, J. **La subversion du christianisme**. Paris: La Table Ronde, 2011. (Collection La Petite Vermillon).

- ELLUL, J. **Les nouveaux possédés**. Paris: Mille et Une Nuits, 2003.
- ELLUL, J. **L'espérance oubliée**. Paris: La Table Ronde, 2004.
- ELLUL, J. **Ce que je crois**. Paris: Grasset, 1987.
- ELLUL, J. **Le bluff technologique**. Paris: Hachette, 1988.
- ELLUL, J. **Mudar de revolução**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- ELLUL, J. **A temps et à contretemps**: entretiens avec Madeleine Garrigou-Lagrange. Paris: Le Centurion, 1981. (Collection Les Interviews).
- ELLUL, J. **Penser globalement, agir localement**: chroniques journalistiques. Paris: Éditions Pyremonde; Princi Negue, 2007.
- ELLUL, J. **Éthique de la liberté**. Genebra: Labor et Fides, 2019.
- ELLUL, J.; CHASTENET, P. **A contre-courant**: entretiens. Paris: La Table Ronde, 2014. (Collection La Petite Vermillon).
- HEIDEGGER, M. A questão da técnica. Traduzido do original em alemão por Marco Aurélio Werle. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007.
- O'NEIL, C. **Algoritmos de destruição em massa**: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. tradução Rafael Abraham. Santo André: Rua do Sabá, 2020.
- ROGNON, F. **Le défi de la non puissance**: l'écologie de Jacques Ellul et Bernard Charbonneau. Lyon: Éditions Olivétan, 2020. (Collection Convictions et Société).
- ROGNON, F. Écologie et technologie: quelles dialectiques? Le regard de Jacques Ellul. *In*: BARDE, Jean-Philippe (ed.). **Crise écologique et sauvegarde de la création**: une approche protestante. Paris: Éditions Première Partie, 2017. p. 97-119.
- WHITE JR, L. The historical roots of our ecological crises. **Sciences**, n. 3767, p. 1203-1207, 10 mars 1967. Tradução disponível em: <http://paulo-loucao.blogspot.com/2013/05/as-raizes-historicas-da-nossa-crise.html>.